

- 3 MAR 1988

Sístoles e diástoles *ave p 9*

Luiz Orlando Carneiro

O falecido general Golbery do Couto e Silva plasmou, entre outras coisas, a teoria das sístoles e diástoles na vida dos Estados que, para consumo doméstico e imediato, passou a balizar as apreciações acadêmicas sobre o processo brasileiro de abertura e transição políticas, inaugurada por Geisel, desenvolvido aos trancos e barrancos por Figueiredo, e que deveria estar agora em sua fase derradeira, se o presidente Sarney estivesse convivendo como um estadista com a Assembléia Nacional Constituinte.



JORNAL DO BRASIL

Como se sabe, sístole e diástole são movimentos, respectivamente, de contração e dilatação das fibras musculares do coração, metaforicamente muito bem aplicados nas três últimas décadas ao processo político brasileiro, tendo como referência a maior ou menor interferência do estamento militar na seara civil.

Nos últimos dias, registraram-se contrações preocupantes que, aparentemente, muito têm a ver com uma certa nostalgia presidencial e a nossa velha hipocondria política que, geralmente às sextas-feiras, faz a Bolsa despencar e o dólar disparar.

Quando o general Golbery falava de sístoles e diástoles, e principalmente de centralização e descentralização do poder, não cogitava dessa variável tão autônoma e imprevisível que é o poder constituinte, derivado que seja, como não perde a oportunidade de sublinhar o consultor-geral da República.

Ora, a Constituinte passou a ser — não importa se bem ou mal — o coração do país e, portanto, agente ativo e passivo das sístoles e diástoles nacionais. Enquanto é grande a hipocondria política — nos momentos de depressão e euforia do Palácio do Planalto, nos movimentos delirantes e irresponsáveis da esquerda radical, no *ostinato* sombrio das admoestações fardadas —, a Assembléia Nacional vai sobrevivendo e ganhando, de

fato, a condição de ser hoje o único poder capaz de administrar a abertura e o fechamento das comportas nacionais. Bem ou mal, ela vai demonstrando ter um mecanismo de sístoles e diástoles.

Uma rápida análise dos dois títulos e dois capítulos aprovados neste início de primeiro turno indica que, no caso dos direitos individuais e coletivos, houve mais sístoles do que diástoles, ao contrário do que ocorreu na votação dos direitos sociais, capítulo em que a circunstância política dos parlamentares (mais de cem deles querem ser prefeitos) falou mais alto do que sua condição de constituintes. As esquerdas comemoraram os “avanços” na área social, mas tiveram de engolir o primado da propriedade privada e o nivelamento dos crimes de tortura aos de terrorismo.

Provavelmente na próxima semana, quando estará inventariando os bens da União, a Assembléia Nacional vai dar mais uma demonstração de sua tendência de “fechar” no substantivo e de “abrir” no adjetivo. O projeto da Comissão de Sistematização inclui, entre os bens da União, o subsolo. A emenda coletiva do desmobilizado *Centrão* suprime simplesmente o subsolo como um dos bens da União, na linha segundo a qual o setor mineral não pode ser fechado à livre iniciativa.

A votação desse e mais tarde dos artigos do Título VII, relativos à ordem econômica e financeira, vai refletir mais uma vez, conforme a opinião conservadora da Constituinte, o movimento pendular da Assembléia, que deverá “abrir” de novo quando da discussão do Título VIII (Da Ordem Social), onde serão tratados temas tão populistas como aposentadoria, pensões e outros benefícios.

Quanto ao sistema de governo e à duração dos mandatos presidenciais, tudo vai depender do momento em que estará o coração da Constituinte — se em contração ou em dilatação. O clima sistólico que está se tentando criar de fora para dentro, favorece, evidentemente, o parlamentarismo com cinco anos de mandato. Mas, se prevalecer o clima interno da Assembléia, haverá diástole, isto é, sai mesmo o presidencialismo — ainda que parlamentarizado — e o mandato de quatro anos.